

Estudos acerca da interação entre os romanos e os ambientes aquáticos

Studies on the interactions between the Romans and aquatic environments

TIBBS, A.; CAMPBELL, P. B. (ed.). *Rivers and waterways in the Roman World: empire of water*. Oxon: Routledge, 2024. 273 p.

Guilherme de Aquino Silva*

Recebido em: 01/08/2025
Aprovado em: 21/12/2025

O livro *Rivers and Waterways in the Roman World: Empire of Water*, publicado em 2024 pela Routledge, reúne quinze capítulos que analisam a relação entre os seres humanos e os ambientes aquáticos no contexto do Império Romano. A obra contribui para a compreensão de que os corpos d'água não foram meros cenários das ações humanas, mas elementos que as condicionaram sob múltiplas formas. São abordados usos diversos dos ambientes aquáticos, como transporte, comunicação, comércio, demarcação de fronteiras e estabelecimento de assentamentos. Segundo Tibbs e Campbell (2024, p. xiv), assim como o Mediterrâneo conectava diferentes regiões costeiras, os ambientes aquáticos interiores também interligavam territórios, favorecendo a logística militar e a economia imperial. Todavia, o transporte fluvial romano recebeu menos atenção que o terrestre e o marítimo, e o livro busca preencher essa lacuna. Os organizadores partem do pressuposto de que os ambientes aquáticos são moldados socialmente, ao mesmo tempo em que exercem influência sobre a sociedade (Tibbs; Campbell, 2024, p. xv).

No primeiro capítulo, "The Archaeology of Rivers: processes and patterns", Peter Campbell (2024, p. 3) define a Arqueologia Fluvial como o campo voltado ao estudo das relações humanas com os rios, propondo superar uma visão limitada à investigação de depósitos subaquáticos. Campbell (2024, p. 3-7) aborda conceitos e processos da

* Doutorando em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), sob orientação do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. Membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, seção Espírito Santo (Leir/ES). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

geomorfologia fluvial, como a deposição de sedimentos e a configuração das margens, que orientam os padrões naturais dos rios e interferem nas atividades humanas nas zonas ribeirinhas. Para o autor, os rios são dotados de *agência*, pois seus processos moldam os padrões culturais de uso da água (Campbell, 2024, p. 7-8). Atividades como navegação, construção de assentamentos ou edificação de pontes consideram as características morfológicas dos cursos d'água (Campbell, 2024, p. 8-14). O autor também destaca que os leitos fluviais mudam ao longo do tempo, e que cabe aos arqueólogos compreender esses processos naturais para avaliar seu impacto sobre os assentamentos e as atividades humanas (Campbell, 2024, p. 15-16).

Hella Eckardt e Phillipa Walton escreveram o segundo capítulo, "New approaches to Roman river finds". As autoras observam que a publicação dos vestígios provenientes de rios tem priorizado certos tipos de artefatos em detrimento de outros, e argumentam que é necessário avançar na compreensão da deposição intencional desses objetos em meio aquático. Com base em projetos arqueológicos realizados nos rios Tees (Reino Unido) e Mosela (Alemanha), propõem novas abordagens teórico-metodológicas no que ficou conhecido como *metodologia Piercebridge*. Essa proposta considera os achados sempre em relação à configuração do rio e de seu entorno, destacando aspectos geomorfológicos e hidrográficos que podem ter influenciado os depósitos. O conjunto de objetos é interpretado à luz das identidades e práticas das pessoas envolvidas na deposição. Esse exercício analítico permite compreender os fatores que levaram ao depósito dos artefatos em determinados pontos dos leitos fluviais. Em seguida, identifica-se o tipo, o material e a datação dos vestígios, que são comparados com achados terrestres nas proximidades do rio (Eckardt; Walton, 2024, p. 20-22, 29-31).

O terceiro capítulo, "Geoarchaeology and Archaeology of navigable canals in river deltas during the Roman period: technical, methodological and conceptual approaches", é de autoria de Ferréol Salomon e Corinne Rousse. Apesar de os canais terem desempenhado um papel relevante no mundo romano, eles foram menos estudados em comparação com outras estruturas hidráulicas, como aquedutos e redes de esgoto. Seu estudo é dificultado, entre outros fatores, pelo fato de muitos terem sido cobertos por sedimentos ou mal documentados (Salomon; Rousse, 2024, p. 35). Os autores explicam as diferentes técnicas de localização dos antigos canais navegáveis em deltas, os métodos empregados na caracterização destes e uma abordagem interdisciplinar que os analisa sob as perspectivas geofísica, geoarqueológica e arqueológica (Salomon; Rousse, 2024, p. 36). A localização de um canal exige seguir pistas, como sua menção em textos antigos. Certos contextos geomorfológicos também favorecem a presença dessas estruturas, como áreas deltaicas e portos costeiros (Salomon; Rousse, 2024, p. 38). O pesquisador

também deve observar indícios visíveis no solo, como uma depressão linear percebida a olho nu, ou recorrer a tecnologias como fotografia aérea, imagens de satélite, radar e diversos métodos geofísicos. Por fim, destacam-se as escavações arqueológicas desses canais, que revelam materiais capazes de informar sobre as atividades humanas realizadas nesses ambientes aquáticos (Salomon; Rousse, 2024, p. 38 et ss.). A pesquisa concentra-se na região entre Portus e Ostia, onde canais foram construídos para melhorar o fluxo das embarcações.

Com foco também na região da *Urbs* e do rio Tibre, Maria del Carmen Moreno Escobar e Robert Witcher escreveram o quarto capítulo, intitulado “One city, two Tibers? Reintegrating the supply networks of Imperial Rome”. O problema suscitado no início do capítulo diz respeito ao fato de que menos atenção tem sido dada ao curso do Tibre a montante de Roma, em detrimento do trecho a jusante, o que transmite a impressão de que os estudos sobre as duas zonas do rio permanecem em descompasso. Ademais, os autores propõem um modelo de análise do abastecimento de Roma a partir da integração entre o transporte fluvial e o terrestre, duas instâncias que, apesar de distintas, estavam conectadas (Moreno; Witcher, 2024, p. 53). Após assinalar as dificuldades de se estudar a zona a montante em relação a Roma, sobretudo devido à multiplicidade de pequenos portos e à ausência de monumentalidade desses, os autores apresentam os principais produtos provenientes da região setentrional, como mós, tijolos, *sigillata* e vinho (Moreno; Witcher, 2024, p. 55-57). Segundo eles, houve uma integração entre as zonas setentrional e meridional do rio Tibre, na altura da cidade de Roma, por meio de um complexo portuário voltado a esse intercâmbio. Por outro lado, apontam que as estradas estavam conectadas às rotas fluviais, compondo uma rede de transporte que deve ser entendida de forma integrada, e não separadamente, pois eram complementares (Moreno; Witcher, 2024, p. 57-58). Por fim, os autores propõem um modelo de análise dos movimentos de carga em ambas as direções (Roma-Óstia), com o objetivo de identificar qual tipo de transporte seria mais eficiente, se o fluvial ou o terrestre; a resposta, contudo, depende de fatores como o tipo de carga, a direção tomada e a distância entre os pontos de partida e de chegada (Moreno; Witcher, 2024, p. 57-59 et seq.).

O quinto capítulo, “Understanding the cultural landscape of the Stella River through Underwater Archaeology”, foi escrito por Massimo Capulli. O autor apresenta uma análise dos vestígios arqueológicos encontrados no rio *Stella*, que deságua na lagoa de Marano, a qual se conecta ao extremo norte do Adriático. A importância do rio, para os romanos, esteve ligada sobretudo à navegação, pois as condições eram excelentes para essa atividade, além de o curso fluvial ter condicionado o povoamento de suas margens desde períodos pré-históricos. Do período romano, destacam-se evidências como os pilares de

uma ponte romana (ponte da *Via Annia*) e os remanescentes de um naufrágio (*Stella 1*), ambos analisados com base em métodos de Arqueologia Subaquática (Capulli, 2024, p. 69-71). O autor expõe a abordagem arqueológica desenvolvida no rio *Stella* no âmbito do projeto *Anaxum*, bem como os resultados obtidos. Essa investigação pode ser aplicada a outros cursos d'água, desde que se leve em consideração que estes são elementos ativos que exigem adaptações. O capítulo, portanto, é fundamental para aqueles que desejam compreender o *modus operandi* da prospecção subaquática (Capulli, 2024, p. 71 *et seq.*).

O sexto capítulo, de autoria de James Page, intitula-se "Carring up it all the products of the Sea: the Po-Veneto water network and trade in the Roman Period". Page (2024, p. 85 *et seq.*) destaca a extensa infraestrutura voltada para a navegação existente na região setentrional da Península Itálica, a qual possibilitou o desenvolvimento comercial no período romano por meio de lagos, rios, canais e do mar. A investigação foi conduzida mediante a aplicação da análise de redes às rotas comerciais aquáticas e terrestres, complementada por uma comparação com dados quantitativos de conjuntos de ânforas provenientes de sítios do norte da Península. A pesquisa aponta que o sistema hídrico do norte da Itália contribuiu para a redução dos custos de transporte e conectou não apenas povoados próximos à costa, como Aquileia, mas também regiões distantes, como a do Danúbio e a dos grandes lagos alpinos de Como, Garda e Maggiore.

Escrito por Andrej Gaspari, o sétimo capítulo trata do rio Ljubljanica, cujas águas deságuam no Sava e, em seguida, no Danúbio. Intitulado "The River Ljubljanica: evidence for the change in celtic cult practices between the Late Iron Age and the Early Roman Period", o capítulo apresenta a geomorfologia do rio e os salvamentos de artefatos arqueológicos que vêm sendo realizados desde o século XIX. Ademais, o autor analisa conjuntos de artefatos do período pré-romano, de cultura celta, e do período romano, indicando sua distribuição espacial e cronológica, além de discutir as motivações para o depósito no curso fluvial. A partir dos vestígios arqueológicos encontrados no leito do Ljubljanica, o autor conclui que haveria cultos relacionados aos ambientes aquáticos iniciados ainda no período pré-romano e que continuaram após a integração da região ao Império, o que é evidenciado pela deposição intencional de objetos. Além disso, destacam-se os acidentes ocorridos durante atividades portuárias e naufrágios, como o do porto de Dolge Njive, que ocasionavam a perda desses materiais. Entretanto, ao analisar os conjuntos de artefatos, o autor distingue o que seria resultado de acidentes e naufrágios daquilo que se configura como depósitos votivos intencionais (Gaspari, 2024, p. 108, 111-113). O texto demonstra, assim, que o ambiente fluvial do Ljubljanica era propício à prática de cultos às divindades aquáticas desde a fase pré-romana, sendo essas práticas mantidas após a integração da região ao Império Romano.

O oitavo capítulo, “The Nile: a maritime pacemaker in Roman Egypt”, foi escrito por Emad Khalil. O autor inicia o texto expondo a importância da rota de navegação e comércio que ligava Roma ao Egito e a outras regiões. O transporte pelo Nilo era responsável por abastecer Roma com cereais produzidos no Egito, bem como com produtos importados de lugares distantes, como o leste da África, a Arábia e até mesmo a Índia. Nesse contexto, a cidade de Alexandria tornou-se um entreposto comercial central nas transações comerciais de longa distância. Como afirma Khalil (2024, p. 115-116), o comércio na região foi facilitado pelos grandes corpos d’água navegáveis: o Mediterrâneo, o Nilo e o lago Mareóti, localizado em Alexandria e alimentado pelo Nilo por meio de canais. A conexão entre os povoamentos egípcios era feita, em grande medida, através dos cursos d’água. Os grãos produzidos nas aldeias do Vale e Delta do Nilo eram transportados até Alexandria e, dali, seguiam para Roma e outros destinos consumidores. Verifica-se que toda a atividade agrícola e comercial respeitava os ciclos de vazão do Nilo, de modo que em determinada época do ano se plantava e colhia, e, durante os períodos de cheia, transportava-se o grão rio abaixo, até Alexandria (Khalil, 2024, p. 118-119). O texto também nos informa sobre a configuração dos portos do rio Nilo, destacando a dificuldade em torno da edificação de instalações permanentes e indicando que as atividades portuárias eram impactadas pelas mudanças sazonais do rio (Khalil, 2024, p. 120-121). Ademais, as embarcações que navegavam pelo Nilo eram construídas obedecendo a diversos parâmetros, dentre os quais os fatores ambientais (Khalil, 2024, p. 121-123). Por fim, Khalil (2024, p. 123 *et seq.*) analisa o transporte de grandes blocos de rocha pelo rio Nilo – uma especialidade egípcia que perdurou também durante o período romano –, assim como o transporte de grãos, apresentando os diversos métodos utilizados e os tipos de embarcações empregados nessas atividades.

O nono capítulo, escrito por Stefanie Hoss e intitulado “River finds from the Netherlands: an overview”, analisa os principais achados fluviais do período romano encontrados nos atuais Países Baixos, em rios como o Reno, o Waal e o Mosa, além de corpos d’água menores. Os temas tratados pela autora referem-se ao contexto das descobertas dos artefatos, como depósitos de lixo em ambientes aquáticos, atividades de dragagem, achados em locais de travessia e escavações de antigos leitos fluviais (Hoss, 2024, p. 131). Para exemplificar os registros em depósitos de lixo, Hoss (2024, p. 131-136) cita os casos do forte romano de Albaniana, do porto do *municipium* de *Forum Hadriani* e do assentamento rural de Tiel-Passewaaij. Nesses locais, muitos objetos foram descartados na água, incluindo peças de cerâmica, artefatos metálicos e materiais orgânicos. Por outro lado, objetos também têm sido encontrados durante atividades de dragagem, como ocorreu na extração de cascalho em Loowaard, no Baixo Reno, onde se evidenciaram

vestígios metálicos e cerâmicos (Hoss, 2024, p. 136). A autora destaca, ainda, a descoberta de mais de cem moedas no rio Aa, sugerindo que esse ponto teria sido usado como travessia, uma vez que era costume romano depositar objetos no leito dos rios para garantir ou agradecer uma passagem segura (Hoss, 2024, p. 138). Apesar dos avanços evidenciados nos estudos arqueológicos sobre os rios neerlandeses, como o expressivo número de embarcações romanas, Hoss (2024, p. 140-141) pouco menciona os novos métodos de prospecção subaquática que nortearam as investigações mais recentes. Estes contrastam com os achados realizados por não profissionais ou por arqueólogos atuantes em períodos nos quais não se adotava o mesmo rigor metodológico das pesquisas atuais, o que, somado a outros fatores, resultou na destruição de sítios ou na seleção parcial dos materiais coletados.

O décimo capítulo, “Nodes and Networks: military and civilian trade and transport in the Roman Dutch Southwest delta”, também trata da região dos Países Baixos. Dianne van de Zande (2024, p. 146-149) inicia seu texto descrevendo as características geomorfológicas da área onde deságuam os grandes rios neerlandeses – Escalda, Mosa, Reno e Waal – bem como da costa do Mar do Norte, com suas ilhas. Nessa região localizava-se o *limes* setentrional do Império Romano, com suas estruturas militares e aglomerados civis, que se distribuíam ao longo dos leitos fluviais e do litoral. Para a autora, a presença militar na região não foi relevante apenas para a proteção e controle do território, mas também contribuiu para o desenvolvimento do comércio e do transporte por vias aquáticas. Van de Zande (2024, p. 149-151) analisa um sítio situado à beira do riacho, Goedereede-Oude Oostdijk, na ilha de Goeree-Overflakkee. Escavado em três campanhas, a mais recente em 2022, o local revelou-se um assentamento civil dependente do curso d’água adjacente. Foram identificadas estruturas de madeira ao longo da margem, semelhantes a cais ou plataformas de acesso, o que sugere que embarcações atracavam ali. Esses indícios apontam para a função do assentamento como porto ou ponto de transbordo de mercadorias. A autora também investiga o papel dos ambientes aquáticos em sítios como Colijnsplaat, na margem sul do rio Escalda, e Domburg, na costa do Mar do Norte. Nesses locais, os vestígios, como altares, moedas e fragmentos de estátuas, indicam o culto à divindade Nehalennia, invocada para proteger as viagens hidroviárias. Os assentamentos, além de locais de culto, estavam integrados a uma rede de comércio e transporte, o que é comprovado pelas inscrições votivas (Van de Zande, 2024, p. 151-154). Para finalizar o capítulo, Van de Zande (2024, p. 154-158) apresenta os resultados de sua pesquisa à luz do conceito de *redes*, distinguindo: (1) redes de produção e comércio, (2) redes de conectividade e (3) redes de vias aquáticas. As primeiras são evidenciadas por meio dos diversos produtos encontrados na região do delta, provenientes de outras regiões, como

cerâmica e vinho, bem como por indícios de exportação de produtos locais, como sal e o *alec*, para outros pontos do Império. Ao tratar das redes de conectividade, a autora refere-se à dinâmica cultural dos assentamentos portuários, que teria favorecido as trocas entre nativos, comerciantes e membros do exército que passaram por ali. Já as redes de vias aquáticas, isto é, rotas navegáveis que conectavam o interior à costa do Mar do Norte, alcançando até a Bretanha, contribuíram para o desenvolvimento comercial, a logística militar e as trocas culturais. Este capítulo demonstra como as vias aquáticas foram bem exploradas no período romano, conectando regiões distantes e assentamentos locais por meio do transporte de bens comercializados ou empregados no abastecimento do exército estacionado no *limes*.

Andrew Tibbs escreveu o capítulo onze, intitulado “Roman waters? Military usage of waterways in 1st Century Scotland”. Nele, o autor apresenta um dado relevante sobre a relação entre o exército romano e os ambientes aquáticos da região correspondente à atual Escócia: 69 das 99 estruturas militares da época flaviana estavam localizadas a menos de uma milha romana de um grande rio ou da costa. Com base nesse levantamento, Tibbs analisa o uso estratégico das vias navegáveis, argumentando que estas foram fundamentais para a conquista e a manutenção do controle territorial. Por elas circulavam soldados, suprimentos e informações (Tibbs, 2024, p. 162). Como fontes, o autor utiliza a obra *Agrícola*, de Tácito, publicada por volta do ano 98; relatos de antiquaristas dos séculos XVII e XVIII; além de um conjunto de vestígios materiais. Observa-se que, tanto nas fozes dos rios quanto no interior, fortificações militares foram erguidas próximas aos cursos fluviais, indicando a preocupação em controlar as rotas de navegação. Embora nenhuma embarcação naufragada tenha sido encontrada na região, artefatos associados à navegação, como remos, ganchos e âncoras, sugerem a existência de atividade náutica. O autor reconhece, contudo, que as evidências disponíveis ainda são limitadas e algumas carecem de análises mais profundas (Tibbs, 2024, p. 164 *et seq.*).

Scott Chaussée foi o responsável pelo capítulo doze, “Waterways and community identities in Early Roman Sussex: a multiscalar and multivariate approach”. Chaussée (2024, p. 177) analisa como as comunidades que habitavam a região correspondente à atual Sussex, no Reino Unido, foram influenciadas pela proximidade com ambientes aquáticos, que funcionavam como eixos de conectividade e isolamento. Com a conquista romana, a dependência dessas vias fluviais e marítimas se intensificou, e os romanos promoveram a expansão das rotas aquáticas. O autor apresenta os fundamentos teórico-metodológicos e o recorte espacial da pesquisa, que abrange sete bacias hidrográficas do sul do Reino Unido (Chaussée, 2024, p. 177-181). A investigação foi desenvolvida em etapas. A primeira consistiu na formação de uma base documental composta por 645

broches, encontrados em escavações arqueológicas ou recuperados de forma acidental. Esses artefatos foram datados da Idade do Ferro e do período romano inicial. Na etapa seguinte, aplicou-se a técnica estatística de Análise de Correspondência, que permitiu identificar padrões internos e relacionais entre os conjuntos de objetos. Os dados também foram submetidos à Análise de Cluster, com o objetivo de reconhecer agrupamentos tipológicos (Chaussée, 2024, p. 182-187). A partir dos resultados, foi possível identificar os tipos de broches e os locais onde foram encontrados, associados com frequência a ambientes aquáticos. Embora o autor se dedique à exposição dos aspectos teóricos e metodológicos, observa-se certa falta de clareza na apresentação dos resultados, além da escassez de exemplos textuais e visuais. A inserção de imagens dos broches contribuiria para uma melhor compreensão dos diferentes tipos, dos respectivos contextos – se pré-romanos ou romanos – e da associação entre o tipo de broche e seu local de deposição. Essas ausências dificultam a compreensão da hipótese central defendida, segundo a qual os ambientes aquáticos teriam ensejado padrões identitários distintos.

O capítulo treze, escrito por Murray Cook, intitula-se “Back and forth: Roman river crossing at Stirling, Scotland, and their impact on native settlement”. Como sugere o próprio título, o estudo analisa o impacto dos pontos de travessia do rio Forth, controlado pelos romanos, sobre um assentamento nativo localizado em *Stirling*, na atual Escócia, entre os séculos I e II. A presença romana na região, durante os períodos flaviano e antonino, esteve vinculada à exploração de recursos minerais e agrícolas, sendo o controle das travessias fluviais essencial para o transporte dessas mercadorias (Cook, 2024, p. 193-194). A partir de fontes textuais e observações *in situ*, Cook identificou vinte e quatro pontos de travessia ao longo do vale do Forth, sobre os quais oferece comentários analíticos. Alguns desses locais eram influenciados por fatores como a maré, chuva, destino, tamanho do grupo, intenções e tipo de carga transportada, o que tornava a travessia um processo complexo. Esses pontos canalizavam o fluxo de pessoas e bens, funcionando como mecanismos de poder. Seu controle permitia às populações locais acumular riqueza e estabelecer hierarquias (Cook, 2024, p. 195-200). Para o autor, a chegada do exército romano intensificou as trocas comerciais já existentes no período anterior, além de contribuir para a melhoria da infraestrutura das rotas, com a construção de estradas, pontes e travessias (Cook, 2024, p. 201-203). O rio Forth e seus afluentes não atuaram como barreiras às trocas culturais e comerciais entre as margens, uma vez que, desde o período pré-romano, as populações locais já exploravam pontos específicos de travessia ao longo dos cursos d’água (Cook, 2024, p. 203). De maneira geral, para reforçar a identificação dos antigos locais de travessia, seria necessário realizar prospecções nos ambientes fluviais e em seus entornos em busca de novas evidências arqueológicas.

Tyler Franconi é o autor do capítulo catorze, intitulado “Do rivers make good frontiers? Environmental change and military policy along the Roman Rhine”. O autor inicia com uma reflexão sobre o papel dos rios na definição e manutenção das fronteiras imperiais, observando que eles funcionavam como obstáculos à travessia dos inimigos e como vias de transporte e comunicação, o que os tornava *agentes* com influência direta sobre o cotidiano fronteiriço (Franconi, 2024, p. 210). Após apresentar aspectos da hidrologia do Reno, o autor volta-se ao foco principal da análise: o uso do rio como componente da infraestrutura defensiva romana. Segundo Franconi (2024, p. 213-214), a margem esquerda do Reno passou por intensa militarização, sobretudo após a derrota romana em Kalkriese, no ano 9. Ainda assim, ao longo do período romano, houve sucessivas expansões e recuos da fronteira nesse setor. Ao tratar das condições climáticas e hidrológicas da região na Antiguidade, Franconi (2024, p. 214-216) recorre a dados dendroclimáticos que indicam períodos de seca e de cheias severas. Evidências arqueológicas complementam esse quadro, revelando como essas mudanças ambientais exigiram respostas humanas em assentamentos civis e estruturas militares, como o abandono de edificações, a ocupação de terrenos mais elevados e a construção de diques para conter alagamentos. O deslocamento de canais e o assoreamento das vias fluviais também afetaram de maneira direta o cotidiano dos habitantes da fronteira (Franconi, 2024, p. 216, 219-221). Apesar dessas dificuldades, o Reno continuou a atuar como marcador de fronteira, dificultando as incursões germânicas. Em momentos críticos de conflito, os romanos reforçavam as fortificações ao longo de seu curso (Franconi, 2024, p. 222). Dessa maneira, o capítulo demonstra a importância estratégica do Reno na defesa da fronteira e apresenta a *agência* do curso fluvial sobre as atividades humanas no *limes*.

O capítulo quinze, escrito por Brian Buchanan e Emily Hanscam, intitula-se “Rivers and walls: the materiality of Roman frontier waterscapes on Hadrian’s Wall and the Lower Danube”. Nele, os autores analisam o papel dos rios na delimitação das fronteiras romanas e como vias de comunicação e comércio, com ênfase nas regiões da Muralha de Adriano e do Baixo Danúbio (Buchanan; Hanscam, 2024, p. 228-231). A Muralha de Adriano, erguida por volta de 122, localizava-se próxima a cursos d’água que, segundo os autores, integravam o sistema defensivo romano e facilitavam o transporte de pessoas e suprimentos (Buchanan; Hanscam, 2024, p. 233-235). Com base em análises de visibilidade do leito fluvial a partir das fortificações, concluem que os romanos buscavam proteger seu domínio e controlar as rotas de navegação (Buchanan; Hanscam, 2024, p. 235-236). Essa mesma metodologia foi aplicada a fortificações situadas no Baixo Danúbio, revelando que estas permitiam a vigilância direta do rio pelos soldados (Buchanan; Hanscam, 2024, p.

238). Assim, os autores demonstram como os cursos d'água influenciaram as estratégias romanas de defesa e logística, conectando diversos pontos do Império.

Em síntese, *Rivers and Waterways in the Roman World: Empire of Water* oferece um aporte teórico e metodológico robusto para os estudos sobre as relações entre os romanos e os ambientes aquáticos. Um traço comum aos capítulos é a ênfase na interdisciplinaridade, com a articulação de dados geomorfológicos, arqueológicos e textuais, o que enriquece os argumentos e os resultados apresentados. Desse modo, investigar a arqueologia dos ambientes aquáticos demanda a articulação de múltiplas especialidades. Trata-se, sem dúvida, de uma obra de referência para compreender como os seres humanos interferem nos cursos d'água e, ao mesmo tempo, são afetados pela *agência* desses ambientes naturais. Ainda que aborde uma ampla variedade de objetos e contextos, a coletânea concentra-se de maneira quase exclusiva sobre os ambientes hídricos da Europa, deixando em aberto a investigação de cursos d'água em outras regiões do Império, como o Oriente Próximo e a África do Norte. Os estudos ambientais têm ganhado espaço na academia,² de modo que, ao longo dos próximos anos, novas pesquisas sobre os cursos d'água poderão contribuir para aprofundar nossa compreensão acerca de como esses ambientes influenciavam as atividades humanas.

Referências

- CAMPBELL, J. B. *Rivers and the power of Ancient Rome*. Chapel Hill: The University of North Carolina, 2012.
- HORDEN, P.; PURCELL, N. *The corrupting sea: a study of Mediterranean History*. Oxford: Blackwell, 2000.
- TIBBS, A.; CAMPBELL, P. B. (ed.). *Rivers and waterways in the Roman World: empire of water*. Oxford: Routledge, 2024.

² Entre os livros fundamentais sobre essa temática encontram-se Campbell (2012) e Horden e Purcell (2000).